

## Daniel Guérin, um militante

Daniel Guérin. *For a libertarian communism*. Tradução de Mitchell Abidor. Oakland: PM Press, 2017, 150 pp.

**Luíza Uehara**

Pesquisadora no Nu-Sol e mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP. Contato: luiza.uehara@gmail.com.

Daniel Guérin não foi um acadêmico. Após concluir sua graduação em Ciência Política, não ocupou qualquer cargo na universidade. Entretanto, não deixou de realizar leituras e redigiu inúmeros livros que permanecem vitais a atentos pesquisadores. Neles é possível tomar contato com o fogo do maio de 1968 francês, as lutas anticolonialistas, a liberação gay e a atualização da revolução.

No final do ano de 2017, quase 30 anos após sua morte, em 1988, sua obra foi revisitada para compor o livro *For a libertarian communism*, lançado pela PM Press com traduções inéditas para o inglês de textos da década de 1950 a 1980.

A editora PM Press atualmente sediada na Califórnia, é uma divisão da AK Press por diferenças editorais. Enquanto a AK Press publica principalmente obras de anarquistas, a PM Press voltou-se tanto a libertários, como marxistas, e somam-se aos

livros, zines, revistas, camisetas, adesivos e outros acessórios.

A obra de Daniel Guérin é lançada em meio a essa tensão própria à PM Press. Entretanto, não é possível definir a coletânea como mais um livro sobre marxismo a ser traduzido para o inglês. Guérin não era um homem que corroborava com os *ismos*, e sim, pretendia estabelecer uma diferença, queria avançar diante do mesmo e não prescrever como deveria ser uma revolução.

Guérin nunca disfarçou que as obras de Marx foram preponderantes em sua vida. Mas, desvencilhou-se do leninismo e do stalinismo. Segundo ele, para repensar a revolução e evitar os totalitarismos, é preciso retomar a crítica anarquista e as experiências libertárias, como a Comuna de Paris e a Revolução Espanhola.; é preciso aproximar os primos brigados, como referia-se aos anarquistas e marxistas, e resolver suas diferenças.

Foi por meio do contato com a obra de Mikhail Bakunin que ele impulsionou uma revisão do socialismo. Foram as obras dos anarquistas que o tornaram “alérgico a todas as versões do socialismo autoritário, sejam jacobinos, marxistas, leninistas ou trotskistas” (p. 14)

Antes da década de 1950, Guérin pouco se relacionou com os anarquismos. Entretanto, lera *l'en Dehors*, periódico coordenado pelo anarco-individualista Émile Armand e lançado quinzenalmente entre 1922 e 1939. Possivelmente, foi por meio dessas leituras que tomou contato com a obra de Max Stirner, muitas vezes referida nos escritos de Armand, e que posteriormente estaria presente em suas obras sobre os anarquismos. Entretanto, em *For a libertarian communism* em nenhum dos textos selecionados há qualquer menção a Stirner.

Assim, por meio de Bakunin, passou a interessar-se pelos comitês de trabalhadores húngaros, que culminariam nas revoltas estudantis e sua posterior supressão pela União Soviética em 1956.

Guérin voltou-se aos estudos dos conselhos em contraste com os soviets sob controle dos bolcheviques, anteriormente sistematizados por Rosa

Luxemburgo (por quem se interessaria na década de 1970). Agregam-se a esse estudo, as pesquisas de Guérin sobre a Revolução Francesa, e os debates na Associação Internacional dos Trabalhadores entre Marx e Bakunin, a qual entendera como algo devastador com a expulsão dos bakuninistas desta Associação.

No Brasil, uma de suas obras foi publicada pela primeira vez pela Editora Germinal, sediada na cidade do Rio de Janeiro. *Anarquismo: da doutrina à ação* foi inicialmente traduzido pelo anarquista imigrado de Portugal, Roberto das Neves<sup>1</sup>, posteriormente ganharia outras versões. Este escrito foi lançado originalmente na França em 1965 e já em 1968, no Brasil, o pequeno livro corria entre os libertários em plena ditadura civil-militar.

---

<sup>1</sup> Roberto das Neves foi um incansável combatente da ditadura de Salazar. Refugiou-se no Rio de Janeiro e continuou sua militância anarquista. Do Brasil escrevia textos antifascistas publicados em Portugal e, simultaneamente, intensificava sua prática anarquista por aqui. A Editora Germinal foi inventada por Roberto das Neves em 1946 e já havia publicado textos e livros de Sébastien Faure, Émile Armand, Han Ryner, José Oiticica, Piotr Kopotkin, entre outros. Ver: FERREIRA, José Maria Carvalho (2013). Roberto das Neves: um cidadão do mundo. In: Revista **Verve**. N. 24. São Paulo: Nu-Sol, pp. 13-49.

A obra foi prefaciada pelo anarquista então diretor do CIRA (Centre de Recherche sur l'anarchisme), Pietro Ferrua a convite de Das Neves. A relação de Ferrua e Guérin datava de 1958, quando este entrou em contato solicitando material sobre os anarquismos contemporâneos. Como efeito deste contato, no ano seguinte, publicou a coletânea *Juneusse du socialisme libertaire*, sendo seu primeiro estudo dos anarquistas no século XIX.

Entretanto, Guérin permanecera integrante do Partido Socialista Unificado e combatia incansável e visceralmente o stalinismo, que guiava o Partido Comunista Francês. Colecionou inimigos socialistas, e sua homossexualidade era insuportável a muitos integrantes do PCF. Essa era a esquerda francesa ou, como afirmava Guérin “dividida, ossificada, negativa e tacanha” (p. 5).

Mesmo assim, jamais desistiu do socialismo. Recordou Ferrua sobre Guérin no prefácio reeditado na revista *Verve*: “Após a falência do estalinismo e do reformismo, tratava-se (dizia-me) de purgar Lênin dos germes autoritários, de preferir o Marx jovem, libertário, ao Marx adulto, ditatorial. (...) Em julho de 1960, em uma viagem a Paris, onde fomos

buscar um caminhão de documentação para nossos arquivos na Suíça, tive oportunidade de travar conhecimento direto com Daniel Guérin. Estava ele em companhia de Samuel Beckett, no ‘Théâtre des Nations’ e, desde então, nossa colaboração não cessou de ser frutuosa.” (FERRUA, 2009, p. 157).

Nessa tentativa de desvencilhar-se do autoritarismo socialista, Guérin foi um homem convicto de que era possível uma síntese entre anarquismo e marxismo. Pretendia, por meio da crítica anarquista, renovar o marxismo, e também pacificar os anarquismos.

## **Por um comunismo libertário**

A extensa obra de Daniel Guérin e suas considerações sobre o comunismo libertário certamente foram influenciadas pelo contato com as leituras anarquistas por meio do CIRA e de Pietro Ferrua, apesar da amizade ser negligenciada por alguns comentaristas e por David Berry, organizador e redator do prefácio de *For a libertarian communism* desta coletânea.

Ferrua não deixou de criticar as obras de Guérin, demonstrando suas falhas ou omissões, mesmo assim sabia da importância de seu trabalho,

convidando-o posteriormente para ser integrante de honra do Comitê do CIRA que reunia pessoas interessadas em estudos anarquistas (FERRUA, 2009).

Em *For a libertarian communism* nos é apresentada mais uma tentativa da conciliação entre anarquismo e socialismo por Guérin. O livro é composto pela tradução inédita para o inglês de alguns textos curtos que podem auxiliar na definição do *Comunismo Libertário: Why “Libertarian Communist”?* (Por que “Comunismo Libertário?”); *The Rehabilitation of Anarchism* (A reabilitação do anarquismo); *Proudhon and Workers Self-management* (Proudhon e autogestão dos trabalhadores); *Three Problem of The Revolution* (Três problemas da Revolução); *The French De-Jacobinized* (A desjacobinização francesa); *Two Indictments of Communism* (Duas acusações do Comunismo); *May, a Continuity, a Renewal* (Maio, uma continuidade, uma renovação); *Self-management in Revolutionary Spain* (Autogestão na Espanha Revolucionária); *Libertarian Communism, the only Real Communism* (Comunismo libertário, o único Comunismo real). Para os apêndices foram traduzidos *The*

*Libertarian Communist Plataform* (A plataforma Comunista Libertária), *The 1989 Call for a Libertarian Alternative* (Chamada para uma alternativa libertária de 1989).

Nos textos reunidos, Guérin comumente retoma a Revolução Francesa para identificá-la como um momento importante tanto para a emergência da democracia burguesa, como por ter gestado uma possibilidade de organização dos trabalhadores que tomaria forma em 1871 com a Comuna de Paris que, por sua vez, teria repercussões na Rússia de 1905 e 1917, na Espanha Revolucionária de 1936, e no que chamou na Comuna de Maio de 1968. Não se trata de uma linha contínua evolutiva, mas de destacar procedências entre esses acontecimentos.

Não se trata, também, de identificar a vanguarda entre os revolucionários desses diferentes momentos, mas, a partir de suas análises apresenta como seria necessário ter constituído uma *genuína* Frente Popular combativa. Essa deveria dispensar alianças governamentais, ou a constituição de um novo governo. São os acordos, as alianças e as concessões com governos os pacificadores dessas lutas.

Para Guérin, a ditadura do proletariado em Karl Marx e

Friedrich Engels foi vagamente explorada por estes, não deveria ser o governo da vanguarda, mas da classe trabalhadora como um todo. Como não houve uma diferenciação adequada, isso possibilitou as leituras autoritárias de Lênin que “inventou a ideia de um partido substituindo a classe trabalhadora e agindo por procuração em seu nome” (p. 89).

Repudiando o autoritarismo, Guérin combateu a formação da vanguarda ao identificar que a formação da luta da classe trabalhadora foi fundamentalmente libertária.

Em 1968 Guérin passou a se nomear um marxista libertário. Como aponta no texto *Why ‘libertarian communism’?*, publicado originalmente em maio de 1969: “Estudantes italianos com quem eu debati marxismo e anarquismo em geral e a autogestão, me deram o rótulo. Esses jovens se diziam marxistas libertários. Na verdade, isso não é uma descoberta: os manifestantes de maio na França com bandeiras vermelhas e pretas misturadas eram marxistas libertários, sem estarem cientes disso ou se intitulem assim” (p. 40).

Mesmo se rotulando, Guérin inventa o comunismo libertário apenas para siuar a sua tentativa de

síntese de comunismo e anarquismo, pois, acreditava que diante de uma revolução os rótulos deviam ser evitados. Nomear-se marxista neste momento revela somente a vontade em se tornar uma vanguarda, como fizeram e fazem os leninistas, e a tomada de direção que pretendem dar a uma revolução.

Entretanto, em Guérin os anarquismos permanecem vivos, a crítica a centralidade do socialismo não perdeu sua atualidade, bem como as considerações sobre autogestão e amor livre. Por isso, diante dos rumos que o socialismo tomou na União Soviética, é necessário um novo começo com a união deste com o anarquismo.

Assim, comunistas libertários não pretendem esmagar o Estado para restabelecê-lo, mas a partir das considerações de Proudhon, pretendem uma federação de comunas.

## **Maio de 68**

Guérin vivenciou o maio de 68 francês e ali enxergava inúmeras possibilidades revolucionárias. Entretanto, não deixava de alertar para a presença de oportunistas. Por isso, entendia que qualquer supressão dos conselhos estudantis e de trabalhadores que se formavam

só levaria a um autoritarismo. Maio de 68 não caiu do céu. Acreditar nisso, segundo Guérin, é desmerecer a história das lutas. Fossilizar 68 ou tentar torná-lo modelo também é não acompanhar o curso da história.

Para ele, uma das procedências para o Maio de 68 foi a Revolução Espanhola, tema presente na coletânea e o qual Guérin destaca não como a morte do anarquismo como alguns historiadores identificariam posteriormente, mas como a tentativa de sufocamento das práticas de autogestão. Em *Self-management in Revolutionary Spain, 1936-1937*, atenta para a Coluna Durruti e à coletivização das fábricas na Espanha libertária. Apresenta como os anarquistas foram suprimidos por forças republicanas e socialistas, além de estarem em constante confronto com as tropas de Franco. As práticas de autogestão suscitadas em 1936, para Guérin, retomaram fôlego em 1968: “Apesar das condições desfavoráveis nas quais ocorreu e da brevidade de sua existência, que dificultam a avaliação e a contabilização de seus resultados, a experiência (Revolução Espanhola) abriu novas perspectivas para o socialismo, para um autêntico socialismo, animado de baixo para cima” (p. 125).

Para Guérin, uma das principais questões possíveis a partir de 68 foi a da retomada da Revolução quando essa estava totalmente desacreditada, esvaziada. E isso se deve às práticas anarquistas, pois nos questionamentos anarquistas à autoridade centralizada, à educação estatal, à moral e ao governo apresentaram à revolução outros questionamentos. Entretanto, os anarquistas são constantemente alvo de desmerecimento.

Isso se expressa em 3 argumentos, como ele relata em *The rehabilitation of anarchism*, publicado originalmente em 1965, mesmo ano em que publicara sua obra *Anarquismo: da doutrina à ação* e o artigo *O anarquismo na revolução russa*, que não compõe a coletânea<sup>2</sup>. O primeiro argumento declara que o anarquismo está morto, tendo sido testado na Revolução Russa e na Revolução Espanhola sem ter sobrevivido. Se ainda existir algum anarquista, o que lhe resta é aliar-se aos comunistas. O segundo apresenta como os anarquistas não conseguem construir uma unidade e resistem à

---

<sup>2</sup> O referido artigo é facilmente encontrado na internet em diferentes idiomas. Nele, Guérin apresenta a crítica de Voline à Revolução; as perseguições aos anarquistas; a supressão dos conselhos, os soviets, pelo partido; e o massacre dos marinheiros de Kronstadt pelo Exército Vermelho.

organização. Além de não passarem de idealistas que não conseguem propor algo à sociedade. No terceiro, os anarquistas não passam de adoradores do assassinatos e adeptos da propaganda pela ação com seus ataques terroristas infrutíferos.

Guérin não identifica a quem se refere ao apresentar essas três tentativas de supressão dos anarquistas. Entretanto, o que conclui a partir dessa exposição é que os anarquismos estão vivos. Não desapareceram, mas são atuais e urgentes na renovação do socialismo. Destacou em May, a continuity, a renewal: “o momento em que floresce a revolução social só pode ser libertário. Só depois os recuperadores, os líderes que põem as patas na Revolução, desfiguram-na e reprimem-na. A revolução de maio estava ciente desse perigo. Até agora não sucumbiu. Mas cuidado!” (p. 117).

Assim, em *Libertarian Communism, the only real communism*, Guérin acrescenta: “O comunismo libertário de nosso tempo, que floresceu no mês de maio de 68, vai muito além do comunismo e do anarquismo. Chamar-se comunista libertário hoje não significa olhar para trás, mas sim esboçar o futuro. Os comunistas libertários não são exegetas, são militantes” (p. 127).

Os alertas de Guérin permanecem atuais, é preciso ter atenção não somente aos guias de plantão, mas também às possíveis capturas e rápidas modulações. É na tentativa de renovação do socialismo e de pacificação dos anarquismos que é possível a elaboração do comunismo libertário. Ou, como afirma Guérin em termos dialéticos, a busca pela síntese entre os elementos.

Seu encontro com as obras anarquistas fortaleceu sua luta, desde a afirmação de sua homossexualidade diante do engessado PCF aos combates ao stalinismo.

Guérin dizia que uma revolução jamais deve ser exclusiva, não se deve cobrar a credencial para alguém tomar parte, afinal, ela abre campo ao inesperado. E foi diante do inesperado das lutas que estreitou o contato com os anarquistas. Assim, a breve coletânea apresenta o interesse de Guérin pelas práticas anarquistas e procedências da renovação do marxismo por meio da crítica libertária. É um olhar de um atento pesquisador e militante que se dedicou a mostrar como, apesar de todas as investidas em pacificar ou destruir os anarquistas, eles permanecem vivos e atuais.

## **Referências bibliográficas:**

FERREIRA, José Maria Carvalho (2013). Roberto das Neves: um cidadão do mundo. In: Revista *Verve*. N. 24. São Paulo: Nu-Sol, pp. 13-49.

FERRUA, Pietro (2009). A breve existência da seção brasileiro do Centro Internacional de Pesquisa sobre o Anarquismo [1ª parte]. In: Revista *Verve*. N. 15. São Paulo: Nu-Sol, pp. 130-198.